

Desabafos de Mãe: Uma análise da Revista Digital Mães que Escrevem¹

Bruna Rhanelly Torres da SILVA²

Marcela Costa da Cunha CHACEL³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal

RESUMO

A partir do problema de pesquisa “como a mídia influencia na construção do que é ser mãe?”, o trabalho visa refletir sobre o papel da mídia, especialmente a digital, na discussão sobre maternidade, além de discutir sobre a maternidade real e as mulheres-mães que têm trazido novos olhares sobre a romantização da maternidade. Para tanto, a revista digital “Mães que escrevem” é o objeto de pesquisa. A Análise de Conteúdo (Bardin, 2011) é o procedimento metodológico. Nota-se que o digital, tem sido espaço para a discussão crítica sobre a maternidade, apresentando uma perspectiva mais próxima da realidade sobre o que é ser mãe.

PALAVRAS-CHAVE: Maternidade; Mídia; Mães que escrevem; Maternidade real.

INTRODUÇÃO

A maternidade é um fenômeno complexo, marcado por construções sociais, históricas e culturais, que ao longo dos séculos, enxerga a mulher pelo viés biológico, sendo a única responsável pelo cuidado dos filhos e do lar. Partindo disso, o exercício da maternidade se entrelaça com discussões sobre o mito do amor materno e o mito do instinto materno (Badinter, 1985). Para a filósofa, o amor materno-filial, ao longo da história sofre mudanças de compreensão social até o momento no qual se torna o principal argumento para a base familiar e determinados momentos, como na formação das sociedades modernas, responsáveis pela formação dos cidadãos. A autora questiona a ideia de que toda mulher nasce com instinto maternal e, portanto, é a única capaz de criar e educar o filho. Neste mito do instinto materno, a mulher mais uma vez é reduzida e reificada ao seu útero e condicionada ao espaço doméstico (Badinter, 1985).

Vale destacar conforme Chacel (2024) aponta, a maternidade vista como uma forma de opressão, pode ser vista também a partir da noção de cativeiro de maternidade.

¹Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GTNE14 - Estudos da Comunicação), evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 24 a 26 de junho de 2025.

²Estudante de graduação do curso de Jornalismo, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: brunatorres280@gmail.com

³Professora do Departamento de Comunicação Social, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (DECOM/UFRN) e orientadora do trabalho. E-mail: marcela.cunha@ufrn.br

Neste, a mulher-mãe deve obedecer a norma da maternidade, isto é, ter comportamentos, atitudes, falas que condizem com o ideal do que é ser mãe, validado pela igreja, sociedade, estado e mídia, instituições disciplinares. A mídia, aliás, tomando como base Tomaz (2015), é instrumento de reforço e de pedagogização da norma da maternidade.

No entanto, na atualidade, com o cenário digital, é possível observar outras discussões, sobremaneira no que diz respeito à maternidade real, isto é, um movimento surgido online e popularizado nas redes, no qual, mulheres-mães discutem os desafios do que é ser mãe. É justamente o que acontece com a revista digital “Mães que escrevem”.

Com o perfil no Instagram @maesqueescrevem, contando com mais 20 mil seguidores e em com o site com um acervo de mais de 2.000 textos publicados por mulheres de todo o país, a revista é um espaço de discussão crítica sobre a maternidade (Silva, 2025). A partir disso, definimos como corpus, o texto “gestar, estudar e superar: uma carta sobre amor de uma pesquisadora e mãe solo”. Para fazer a análise, como procedimento metodológico, o trabalho partiu da análise de conteúdo (Bardin, 2011).

MÍDIA, MATERNIDADE E DESABAFO

A partir de Tomaz (2015), a relação histórica entre a maternidade e a mídia é estreita e nasce do esforço da sociedade e de suas instituições disciplinares para educar a mulher para se tornar uma mãe. Para a autora, as bases sociais da maternidade e seus processos de comunicação e disseminação do modelo ideal de maternidade e da maternagem partem da tríade especialista, mídia e mãe. Isso porque, no Brasil, já no século XIX, é possível encontrar periódicos voltados para ensinar a mulher-mãe sobre a importância do seu papel e sobre como criar seus filhos. Com o tempo, além de impressos, médicos pediatras lançaram manuais, como é o caso de A vida do bebê, de Ricardo De Lamare, lançado em 1931 e comercializado até hoje (Tomaz, 2015). Desse modo, entende-se que a mídia é uma instituição disciplinar ao mesmo tempo que exerce poder para a pedagogização da maternidade (Tomaz, 2015; Chacel, 2024; Costa, 2024).

Com o cenário digital, é possível perceber a existência de duas vertentes sobre a pedagogização da maternidade: especialistas das mais variadas áreas que visam ensinar as mulheres-mães técnicas para que elas cuidem dos seus filhos e mulheres-mães que discutem o que Zago (2011) definiu por maternidade real. São mulheres-mães, portanto, que mostram os desafios e os obstáculos sobre o que é ser mãe. Assim, a maternidade real

pode ser vista como um movimento das redes para provocar uma reflexão sobre a romantização da maternidade.

É interessante que o movimento se popularizou nas redes, no Brasil, com mulheres-mães famosas, celebridades e digitais *influencers*, que compartilham a ambivalência da maternidade, como é o caso de Viih Tube, Julia Faria, Luana Piovani, Isis Valverde e Boca Rosa. São mulheres-mães que falam sobre a maternidade sem romantização, mesmo sendo mulheres com um recorte privilegiado de raça e de classe. Além do mais, também é possível encontrar outros perfis, como é o caso da revista digital “Mães que escrevem”, objeto de interesse deste trabalho.

A revista “Mães que escrevem” foi fundada, em 2017, pela jornalista, escritora, mãe e autista, Jo Melo. O perfil da revista no Instagram (@maesqueescrevem) serve para divulgar o material publicado na revista. Mais do que espaços midiáticos, trata-se de um acolento às mães que buscam conforto e compreensão em meio aos desafios da maternidade real, ao passo que, abre diálogos e espaços para que as leitoras também se tornem autoras e partilhem suas vivências maternas. É uma revista que possui mais de 2.000 textos dos publicados, por mais de 200 mulheres-mães, sendo eles crônicas, artigos, cartas, poesias e poemas. Ao todo são 15 edições da revista digital, que se consolida como a primeira revista digital sobre maternidade que tem ISSN⁴, sendo um espaço relevante quando o assunto é maternidade real, mesmo que não tenha o alcance como as mulheres-mães famosas.

Dentre o acervo de relatos e desabafos da revista, divulgados em parte no Instagram e publicados na íntegra no site, por meio da análise de conteúdo (Bardin, 2011), escolhemos analisar a “Gestar, estudar e superar: uma carta sobre amor de uma pesquisadora e mãe solo”, publicado no dia 5 de novembro de 2024, de autoria de Adriane Sarah, doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais (PPGCA), na Universidade Estadual do Pará (UEPA). A escolha se deu, depois de uma leitura flutuante e da seleção da temática “maternidade real”. Além disso, tínhamos como parâmetro para escolha, algo semelhante ao contexto de maternidade das autoras: a maternidade solo e o âmbito acadêmico.

⁴ A sigla ISSN (Número Internacional Normalizado para Publicações Seriadas) insere a revista num sistema padrão de publicação que se assemelha ao ‘CPF’.

No relato, a autora traz a ambivalência de seu maternar, transitando entre o lado cru e expositivo da exaustão materna e o amor pelo filho, enquanto luta por sua carreira acadêmica. Adriane relata:

[...] Depois de 3 dias vomitando, sua vovó Sheila me ofereceu um teste de gravidez. Quando vi o resultado, o medo tomou conta de mim. Será que eu daria conta? Será que eu ia ser uma boa mãe? Como eu ia te educar? [...] Passamos por muitas emoções. Vivemos estresses, tristezas, preconceitos, lutos inimagináveis... E além de tudo isso, poucas semanas antes da sua chegada, descobri que seríamos só eu e você. Me tornei mãe solo. E no primeiro momento, acreditei que isso me tornaria vulnerável (Sarah, 2024)⁵.

Falar sobre os desafios da maternidade ainda é visto com estranhamento já que não condiz com o modelo ideal de maternidade e muitas vezes, essas mães são socialmente silenciadas e taxadas de ingratas ou dramáticas (Silva, 2025). Assim, há um silenciamento das mulheres-mães, para evitar as críticas e julgamentos, ou preconceitos.

Somado a isso, como pontuado, se o lugar da mulher é no lar, quando se é mulher-mãe esse destino se torna ainda mais forte, uma vez que, exercer uma outra função que não seja maternar, ainda é se distanciar da mãe ideal.

[...] Em contrapartida, mesmo me sentindo frágil, coloquei minhas dores no bolso e fui impulsionada a agir por você. Defendemos uma dissertação de mestrado com 1 mês de antecedência e aos 45 do segundo tempo passamos por um processo seletivo de doutorado, e olha, nós conseguimos! Isso tudo juntos. Com você sentindo tudo o que eu sentia”. (Sarah, 2024)⁶.

Não por acaso, um estudo nacional realizado com mais de 376 mães e pais, feito pelas B2Mamy e Kiddle Pass, plataformas digitais com foco na educação e desenvolvimento infantil, nove em cada dez mães têm sintomas relacionados ao burnout parental. Dentre essas mães, 30% das que não possuíam rede de apoio fora do período escolar, apresentaram 50% a mais de esgotamento moderado e grave (Moraes, 2024).

Em contrapartida, a reflexão sobre a centralização das questões que envolvem um filho, a pesquisa salienta que para muitas mulheres, a realização acadêmica não é possível, pela falta de apoio no retorno ao mercado de trabalho ou acadêmico. Ser uma mulher que deseja viver para além da exclusividade materna, ainda se configura em um desafio.

⁵ SARAH, Adriane. Carta - Gestar, Estudar e Superar: Uma Carta sobre Amor de uma Pesquisadora e Mãe Solo. Disponível em: <https://maesqueescrevem.com.br/carta-gestar-estudar-e-superar-uma-carta-sobre-amor-de-uma-pesquisadora-e-mae-solo/>. Acesso em: 04 mar. 2025.

⁶ SARAH, Adriane. Carta - Gestar, Estudar e Superar: Uma Carta sobre Amor de uma Pesquisadora e Mãe Solo. Disponível em: <https://maesqueescrevem.com.br/carta-gestar-estudar-e-superar-uma-carta-sobre-amor-de-uma-pesquisadora-e-mae-solo/>. Acesso em: 04 mar. 2025.

A fim de tornar mais claro, a partir do relato escolhido, é possível achar reflexões que subsidiam compreender a maternidade sob a ótica mais real e menos romântica: dificuldades e obstáculos em ser mãe, julgamento por ocupar um espaço que, histórico e socialmente, não é destinado à mulher e muito menos à mulher-mãe, solidão em ser mãe e mãe solo. Ao mesmo tempo, vemos uma mãe impulsionada a seguir pelo filho. Isso é interessante porque o amor de uma mãe não é ponto questionável quando estudamos e abordamos a maternidade de forma crítica. Tanto nas discussões sobre o que se entende pelo modelo ideal da maternidade como na reflexão sobre a maternidade real, o sentimento não é abordado. Aborda-se a ideia de que o amor é tácito, e em nome dele, a mulher-mãe deixa de ser mulher, pessoa, sujeito, além de se tornar a única responsável por criar o filho, renunciando às suas vontades individuais.

CONCLUSÃO

A reflexão proposta aqui se alicerça na compreensão da maternidade como uma construção social, na qual, ser mãe é buscar se aproximar da Virgem Maria, é cumprir a norma da maternidade e é, de fato, uma forma de opressão. A mídia, como estratégia pedagógica, reforça esses aspectos, mas também, diante do cenário digital, oferece um espaço para debates e, como visto, desabafos de mulheres-mães. É o que acontece com a revista digital ‘Mães que escrevem’, apresentando uma multiplicidade de falas e desabafos sobre a maternidade e o peso dessa função atribuída à mulher.

Entendemos que por meio da escrita e leitura de mulheres-mães de todo o país, a revista e o perfil no Instagram são fundamentais na resignificação das narrativas plurais sobre o maternar e sua construção social. O exemplo disso é o relato de Adriane Sarah, apresentado aqui. No entanto, ainda é apenas um recorte para exemplificar como, mesmo em um espaço midiático, historicamente voltado para a pedagogização da mulher-mãe para alcançar o ideal da maternidade, é possível encontrar outros olhares, outras discussões. Portanto, compreendemos que tudo isso é apenas um pontapé para os desdobramentos para se investigar diversas maternidades, considerando a interseccionalidade de raça, gênero e classe, múltiplas narrativas de si e verdadeiros desabafos.

Esperamos contribuir para o campo de estudos da maternidade e principalmente, para demarcar, no âmbito acadêmico, a presença de duas mulheres-mães, solo, de

contextos de vida diferentes, mas que não ocupam apenas o privado, como postulado a todas as mulheres. Desse modo, fazer pesquisa e produzir conhecimento científico, discutindo criticamente questões que perpassam nossos cotidianos enquanto mulheres-mães é mostrar que socialmente, uma mulher-mãe também pode exercer outras funções, para além da maternidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2011.

CHACEL, Marcela Costa da Cunha Chacel. Cativeiro da maternidade, dispositivo e pedagogia da mulher-mãe: reflexões iniciais. **Revista Mosaico - Revista De História**, v.16, n.4, p. 173-189, 2024. <https://doi.org/10.18224/mos.v16i4.13537>.

MORAES, Madson. Burnout parental: nove em cada dez mães estão exaustas. **Lunetas** (portal). 22/10/2024. Disponível em: <https://lunetas.com.br/burnout-parental-nove-em-cada-dez-maes-estao-exaustas/>. Acesso em: 19 mar. 2025.

SARAH, Adriane. Carta - Gestar, estudar e superar: uma carta sobre amor de uma pesquisadora e mãe solo. Disponível em: <https://maesqueescrevem.com.br/carta-gestar-estudar-e-superar-uma-carta-sobre-amor-de-uma-pesquisadora-e-mae-solo/>. Acesso em: 04 fev. 2025.

SILVA, Bruna Rhanelly Torres da. **Mães que escrevem: a maternidade e a escrita como libertação**. 2025. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/62284>. Acesso em 04 de mar, 2025.

TOMAZ, Renata. Feminismo, maternidade e mídia: relações historicamente estreitas em revisão. **Galáxia** (São Paulo Online), n.29, p.155-166, jun. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542015120031>. Acesso em: 19 mar. 2024.

ZAGO, Vanessa Koenigstein. **Maternidade real: uma fórmula discursiva?** 2021. 130f. Dissertação (Mestrado em Linguística aplicada e Estudos de Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2021.